

Operadora:

Bom dia, e obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência de resultados do Banco Santander (Brasil) S.A. Presentes aqui estão o Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente Executivo – CFO; e o Sr. Luiz Felipe Taunay, responsável pela área de Relações com Investidores.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no site de Relações com Investidores do Banco Santander, em www.santander.com.br/ri, onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para download.

Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queira, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0.

Gostaríamos de informar que perguntas recebidas pelo *webcast* terão prioridade de resposta. Caso desejem realizar a pergunta via telefone, pressionem *1. Se a qualquer momento sua pergunta for respondida, aperte *2 para se retirar da fila. O número de perguntas é limitado a duas por participante. Caso tenha alguma pergunta adicional, solicitamos que retorne à fila novamente.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco Santander, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da Diretoria do Banco, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não serão garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro do Banco Santander e podem conduzir a resultados que diferem materialmente daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora passo a palavra ao Sr. Angel Santodomingo, Vice-Presidente Executivo – CFO. Por favor, Sr. Santodomingo, o senhor pode prosseguir.

Angel Santodomingo:

Muito obrigado. Obrigado a todos por participarem do *call* de resultados do segundo trimestre do Banco Santander.

Como podem ver pelo índice, eu tentarei abordar os seguintes temas durante a minha apresentação, constituindo-se de cinco itens: começaremos com um panorama do cenário macro; depois falaremos sobre os resultados, considerando os eventos extraordinários do período que foram comunicados ao mercado; depois falaremos sobre os resultados dos eventos extraordinários; e depois falarei sobre uma visão do negócio a respeito do que será apresentado hoje; e, para finalizar, farei minhas considerações finais.

Agora passando para a página quatro, apresentamos a pesquisa do Banco Central mostrando as dinâmicas esperadas para algumas das mais importantes variáveis. Deixem-me, portanto, compartilhar com os senhores algumas considerações.

A economia brasileira, como sabem, está passando por um processo de ajuste. Neste ambiente, o Governo implementou e anunciou uma quantidade considerável de medidas que apontam na direção certa.

A economia vem passando por um forte ajuste de preços. Na verdade, dois processos de reajuste de preço relativo têm sido muito importantes para a economia brasileira: um é o realinhamento dos preços administrados e preços de mercado, e o realinhamento dos preços comercializáveis e não-comercializáveis.

Como consequência, a inflação brasileira atingiu níveis de cerca de 9% nos meses atuais, o que foi bem acima da meta de 4,5%. As medidas fiscais implementadas e anunciadas indicam uma clara mudança no curso das políticas macroeconômicas do País. Nesse sentido, acreditamos que o conjunto de medidas terá um impacto estruturalmente positivo sobre a economia.

Considerando a magnitude dos ajustes, a economia está sentindo o impacto. Em 2015, as expectativas atuais apontam para uma contração do PIB perto de 2%, provavelmente servindo de base para um 2016 melhor em termos relativos.

O consenso está posicionado com um pico nas taxas de juros de aproximadamente os níveis atuais. Como vocês já sabem, o Copom anunciou mais um aumento, de 50 b.p., que talvez seja o pico final, começando a ceder talvez no ano que vem, uma vez que a inflação esperada comece a cair ou se aproxime mais da meta.

Por fim, mas não menos importante, espera-se que o Real convirja para R\$3,25 por USD, o que com o tempo deve reduzir o déficit nas contas correntes para um patamar mais sustentável.

Agora, deixem-me passar para o slide seguinte. Neste slide, resumimos os resultados totais, incluindo eventos extraordinários. O resultado total atingiu R\$4,8 bilhões no segundo trimestre, e R\$6,465 bilhões no 1S15, com um crescimento relevante quando comparado ao mesmo período do ano passado, devido ao resultado extraordinário já anunciado.

Conforme anunciado em junho passado, este resultado, que já foi comentado, foi impactado positivamente pela reversão das provisões dos passivos fiscais, que foi mencionada como COFINS. Além disso, foram feitas provisões complementares para reforçar o nosso balanço. O impacto líquido depois dos impactos desses dois eventos atingiu R\$3,2 bilhões.

Excluindo os eventos extraordinários, aquela linha do lucro na qual focarei minha apresentação, o lucro líquido gerencial totalizou R\$1,675 bilhão no trimestre, sendo 3% acima do trimestre anterior, e R\$3,3 bilhões no 1S15, com um aumento de 16% em 12 meses.

Na página sete, apresentamos o desdobramento desses eventos extraordinários no período. A reversão das provisões fiscais chegou a R\$4,77 bilhões. Provisões complementares foram contabilizadas para reforçar o balanço, no valor de R\$1,6 bilhão, que foi dividido em três blocos principais: quase R\$800 milhões, R\$799 milhões para amortização de intangíveis e outros ativos, R\$483 milhões para contingências cíveis e fiscais e, finalmente, R\$331 milhões para provisões de crédito. Como resultado, como já mencionei, o impacto líquido depois dos impostos desses dois eventos somou R\$3,2 bilhões.

Como já foram explicados os resultados, incluindo os itens extraordinários, agora vamos falar sobre o lucro líquido, que aparece na página oito. Na página oito, portanto, podemos ver o resultado do lucro líquido do segundo trimestre de 2015, que atingiu R\$1,6 bilhão, como já mencionei, um aumento de quase 3%, 2,6% de aumento no trimestre, o que dá continuidade à tendência positiva dos últimos trimestres.

No acumulado do ano, os resultados do 1S chegaram a R\$3,3 bilhões, o que representou um crescimento próximo de 16% quando comparado ao mesmo período do ano passado.

Passando agora para a página dez, temos os destaques das principais ideias que vêm tanto do balanço, do P&L, e qualidade. A partir de agora, como já mencionei, eu apenas discutirei os resultados gerenciais, excluindo os eventos extraordinários no período. Como veremos, o trimestre mostra uma dinâmica positiva das receitas em várias métricas que resultam da implementação da estratégia que já havíamos comentado com os senhores há algum tempo.

Destacarei os quatro principais pontos. Primeiro, a carteira de crédito ampliada, que caiu 1% no trimestre, negativamente impactada pela valorização do Real, que, como vocês se lembram, foi de mais ou menos 3% no trimestre. Se excluirmos esse impacto, a evolução seria de -0,6%. Finalmente, ainda nesse primeiro ponto, a captação de clientes subiu 6%.

Em segundo lugar, o Banco continua a manter uma posição confortável em termos de capital e liquidez, o que fica refletido na força do seu balanço, enquanto, ao mesmo tempo, continuamos a aumentar a nossa lucratividade.

Nesse sentido, o Índice de Basileia manteve-se em 18,1%, com um índice de Tier I de 16,6%, positivamente impactado pelos eventos extraordinários no período. O índice *loans to deposit* foi de 92%, reflexo daquilo que já comentei com relação aos ativos e passivos, e como esses ativos e passivos se comportaram no trimestre.

Em terceiro lugar, o lucro líquido atingiu R\$1,6 bilhão no segundo trimestre de 2015, com um crescimento trimestral que já mencionei de 3%. Isso é basicamente explicado por uma melhor evolução das receitas no trimestre, que apresentaram um crescimento robusto após vários trimestres sob pressão.

E finalmente, percebemos uma leve deterioração da qualidade, provavelmente um reflexo do ambiente atual. A inadimplência acima de 90 dias aumentou quase 20 b.p. no trimestre, enquanto que, ao mesmo tempo, o índice de cobertura atingiu 185%, também impactado positivamente pelos eventos extraordinários no período. Talvez este seja o nível mais alto há muito tempo no Santander Brasil.

Na página seguinte, que seria a página 11, temos as principais linhas do nosso resultado. Com relação às receitas, houve uma aceleração da margem financeira bruta, que subiu 5% no trimestre e 7% em 12 meses. Este é o maior aumento no trimestre desde 2012. As comissões também tiveram melhora, aumentando cerca de 3% no trimestre e 8% em 12 meses.

O segundo ponto importante é o resultado de crédito de liquidação duvidosa, que foi de R\$4,4 bilhões no 2T, com um aumento de 11% no trimestre e uma redução de 7% no ano, refletindo o crescimento do nosso produto de baixo risco no ano. A melhoria anual também se refletiu no nosso custo de crédito, que caiu 69 b.p. em 12 meses. Falarei um pouco mais sobre esses dois pontos mais adiante na apresentação.

As despesas gerais apresentaram um crescimento de 5%, tanto no trimestre quanto em 12 meses, ficando ainda bem abaixo da inflação anual. A evolução do trimestre foi negativamente impactada pelo perímetro e pela sazonalidade tradicional deste trimestre. Como resultado daquilo que já venho dizendo, o lucro líquido subiu 3% em 3 meses e 16% no ano.

Agora, vamos passar linha por linha para que eu possa lhes mostrar os principais destaques. Na página seguinte, temos a evolução da margem financeira bruta. A margem financeira somou R\$7,5 bilhões no segundo trimestre de 2015, representando um aumento de 5% sobre o trimestre anterior.

A margem de crédito continuou a melhorar, como já mencionei, subindo 5% no trimestre, o que representa o primeiro crescimento relevante desde 2012. As atividades de mercado também mantiveram um bom nível de desempenho e números positivos semelhantes quando comparados aos trimestres anteriores.

Na comparação anual, a margem financeira bruta subiu 7%. A redução na margem de crédito foi mais do que compensada pelo aumento na margem financeira de depósitos e pelo aumento da linha outros, devido àquilo que já mencionei, de acordo com maiores ganhos com atividades de mercado.

Novamente, a redução na margem de crédito é claramente explicada pela mudança no *mix* do spread médio da carteira, que também já mencionamos nos trimestres anteriores. A mudança no *mix*, tanto do ponto de vista de um produto ou um segmento, pode ser percebida de forma mais tangível pelos seguintes exemplos: o saldo de produtos de maior risco para pessoa física, que são os rotativos, cartão de crédito, cheque especial e crédito especial, caíram em R\$1,7 bilhão ano a ano, ou 4%, enquanto o crédito imobiliário cresceu 35%, ou R\$6,3 bilhões ano a ano.

O segundo exemplo é que a carteira de crédito de grandes empresas teve um crescimento bem superior ao crescimento das pequenas e médias empresas. Portanto, são as principais razões, pelas quais tivemos esse desempenho no trimestre.

Agora passando para a página 13, a página seguinte, mostramos a carteira de crédito. A carteira de crédito ampliada atingiu R\$321,6 bilhões. A variação cambial Real/USD teve um impacto maior sobre o crescimento anual da carteira, o que foi significativo. Excluindo o impacto dessa variação cambial, a evolução anual e trimestral da carteira de crédito foi de 11% e uma redução de 0,6%, respectivamente.

O segmento de grandes empresas continua a ser um dos principais vetores de crescimento, crescendo 16%. Novamente, isso exclui também a variação cambial de quase 29% no período. No trimestre, essa carteira de crédito teve uma redução de 4%, e, excluindo a valorização do Real, teve redução de 2,8%.

No segmento de pessoas físicas, tivemos um crescimento de 8% ano a ano e 2% trimestre a trimestre. Ambas as métricas foram impactadas pela incorporação da carteira do Bonsucesso, nossa joint venture de consignado. O crescimento em bases comparáveis foi de 4,7% e 1,5% respectivamente. Crédito imobiliário e Agro continuam a ser os nossos principais vetores.

A carteira de financiamento ao consumo caiu 2% no trimestre e 4% em 12 meses. Estamos absolutamente confortáveis com a lucratividade e desempenho deste segmento, especialmente considerando como a dinâmica atual do mercado de veículos vem se desempenhando no Brasil neste ano.

E finalmente, a carteira de pequenas e médias empresas caiu 1% no trimestre e apresentou um pequeno aumento em 12 meses, provavelmente, também refletindo o ambiente macroeconômico. De qualquer maneira, continuamos a investir em nossa franquia nesse segmento.

Na página seguinte, número 14, falamos sobre a evolução do lado de funding, que reflete o nosso foco nos clientes e na nossa relação com eles. A captação de clientes somou R\$276 bilhões, subindo quase R\$44 bilhões em 12 meses e R\$15 bilhões no trimestre.

O comportamento geral do sistema financeiro com a má evolução dos depósitos à vista e de poupança refletiu-se também em nosso desempenho neste trimestre. Mas, mesmo com tudo isso, nossa captação cresceu 4,5% no trimestre.

O total de fundos de clientes, incluindo fundos de investimentos, atingiu R\$494 bilhões, com crescimento de 23% em 12 meses, R\$93 bilhões, ou 5% no trimestre, R\$25 bilhões. Lembre-se que os fundos de investimento somaram R\$178 bilhões, com um aumento de 16% em 12 meses e 7% no trimestre.

Agora, sobre receitas de prestação de serviços e tarifas bancárias, estamos falando de quase R\$5,8 bilhões no 1S, o que representa 8% de variação no ano, mais um aumento de 3% no trimestre. Essa evolução do trimestre foi positiva quando comparada a períodos anteriores, e isso novamente reflete o nosso esforço em manter um elo com o cliente e nas atividades comerciais.

No trimestre, o destaque veio das contas correntes e operações de crédito e serviços de cobrança, que cresceram 8%. Em 12 meses, o crescimento foi impulsionado pelas comissões de seguros e das operações de crédito.

Passando para a página 16, fazemos a cobertura das despesas gerais. Excluindo depreciação e amortização, houve um aumento de 5% no trimestre e 3% em 12 meses, abaixo da inflação anual.

Cabe ressaltar que a incorporação da GetNet, a empresa que adquirimos, impacta a evolução em 12 meses, e a incorporação do Bonsucesso, que ocorreu em fevereiro de 2015, impacta a evolução nos dois períodos de comparação.

A sazonalidade tradicional que já mencionei, das despesas com o pessoal no 2T, também impacta a comparação trimestre a trimestre. Continuamos a manter a meta de crescimento, em termos de despesas, abaixo da inflação, como ressaltamos anteriormente.

Como podem ver, incluindo apreciação e amortização, as despesas gerais totais apresentaram crescimento de 5%, tanto em três quanto em 12 meses. Nesse último caso, novamente abaixo da inflação anual.

Agora falando sobre qualidade, na página 17, vemos os indicadores de inadimplência. O índice de inadimplência acima de 90 dias caiu 88 b.p. em 12 meses, mostrando uma melhora tanto no segmento pessoa física, de 124 b.p., como no segmento grandes empresas.

No trimestre, a inadimplência aumentou em 19 b.p., impactada principalmente pelo segmento de grandes empresas. O principal indicador, o índice de inadimplência de 15 a 90 dias, subiu 16 b.p. no trimestre e caiu 51 b.p. em 12 meses, novamente, com o principal impacto vindo do segmento de grandes empresas.

O segmento pessoa física encontra-se quase no mesmo nível do trimestre anterior nos dois indicadores, tanto no índice de inadimplência acima de 90 dias, quanto no 15 a 90 dias, a despeito das pressões gerais da economia que todos já conhecemos.

E finalmente, neste slide, o índice de cobertura cresceu, atingindo 185%, permanecendo em níveis bem confortáveis, e também níveis históricos para nós. Excluindo o efeito de itens extraordinários no 2T, o índice de cobertura teria sido de 178%, que também é um patamar bem confortável.

Em termos de provisões para devedores duvidosos, na página seguinte, atingimos R\$4,4 bilhões no 1S, apresentando uma redução de 7% ano a ano. No trimestre, a PDD aumentou 11%.

O custo de crédito no 1S15 é 50 b.p. mais baixo que o custo de crédito do ano todo de 2014, que foi de 3,5%. Mantemos nossa expectativa de que o custo de crédito para o ano de 2015 deverá ficar em nível semelhante ao de 2014. Isso se aplica, em termos gerais, àquela discussão sobre qualidade no Brasil.

Agora falando sobre os índices de desempenho, na próxima página, gostaria de destacar o índice de eficiência, que ficou em 50% no 2T, subindo 32 b.p. no período; e o índice de recorrência chegou a quase 68% no trimestre, com redução de 123 b.p. no período.

O terceiro item que gostaria de ressaltar é o retorno sobre o patrimônio líquido médio que chegou a 12,8% no trimestre, permanecendo estável, excluindo os eventos extraordinários, e chegando a 18,2% se considerarmos o impacto desse evento extraordinário.

No próximo slide, falando sobre fontes externas de funding, temos um índice de *loan-to-deposit* de 92%. No lado da solvência, o índice de Basileia ficou em 18,1%, em sua maioria composto por Tier I, portanto, mantendo-se em níveis bem confortáveis. No trimestre, o índice melhorou em 210 b.p., dos quais 130 b.p. devem-se aos resultados extraordinários, que já mencionamos, no período. A geração orgânica é de 80 b.p.

Os principais fatores que explicam a evolução em 12 meses são o crescimento da carteira de crédito, o impacto do *phase in* de Basileia III e o aumento do risco operacional devido à entrada em vigor do balanço conglomerado prudencial em janeiro de 2015, já comentado no trimestre anterior.

E finalmente, no último slide, passarei a meus comentários finais. Para concluir aquilo que já apresentei, os resultados do segundo trimestre de 2015 e suas principais mensagens são os seguintes: em primeiro lugar, a evolução do desempenho é diretamente ligada à transformação que estamos tentando fazer no Banco, e que já compartilhamos com os senhores. E temos também a experiência de nossos clientes, que já foi também mencionada em trimestres anteriores.

Esta agenda é baseada em três vetores principais: o primeiro vetor são investimentos em nosso modelo comercial. Houve uma simplificação significativa dos processos envolvendo clientes, como abertura de contas, transações digitais, que ficaram mais fáceis, e também lançamos um novo aplicativo móvel, por exemplo. Implementamos nosso novo modelo comercial e introduzimos uma nova gestão de relações com o cliente chamada Certo, que já mencionei em períodos anteriores, que vem simplificando os processos, melhorando o nível de atendimento e permitindo que nossas equipes nas agências dediquem mais tempo às atividades comerciais com os clientes.

Também melhoramos os negócios estratégicos, e a associação com o Bonsucesso é um exemplo que já está rendendo frutos. Com relação às pequenas e médias empresas, acabamos de lançar o Santander Negócios e Empresas, que é a mais avançada plataforma de pequenas e médias empresas no Brasil, e em breve fará a diferença nos nossos resultados nos próximos trimestres.

Gestão: nós melhoramos a nossa gestão de qualidade de crédito, e também mantivemos nossa disciplina de custos, com a evolução anual sempre ocorrendo abaixo da inflação.

Meu segundo ponto importante em termos dos comentários finais é a aceleração das receitas e o ritmo de crescimento continuando a mostrar uma tendência positiva.

O terceiro ponto, como já foi mencionado, é que as despesas gerais continuam a apresentar um crescimento anual bem abaixo da inflação.

O quarto ponto que eu também gostaria de destacar é que houve uma leve deterioração da qualidade do ativo. Embora o ambiente tenha um desempenho já mencionado, ainda estamos bem confortáveis graças aos nossos níveis de cobertura, mantendo as prioridades da gestão para continuarmos a entregar resultados enquanto continuamos a melhorar o desempenho na parte superior do resultado.

E finalmente, houve uma melhora na liquidez e nas posições de solvência do Banco.

Muito obrigado, e agora estamos à disposição para responder as suas perguntas.

Luiz Felipe Taunay:

Nós temos duas perguntas sobre a qualidade do ativo. Uma vem do Guilherme, do Itaú BBA, e outra de Philip Finch, do UBS. As duas perguntas mencionam que houve um aumento de 20 b.p. no indicador de 15-90 dias, de 40 bps no Over 60 e no Over 90 um aumento de 20 b.p. Se o senhor poderia também mencionar qual é a expectativa sobre a qualidade do ativo daqui para frente, se vocês esperam uma deterioração ainda maior em razão da desaceleração econômica e piora nos indicadores de inadimplência.

Angel Santodomingo:

Muito obrigado pelas perguntas. Em relação à qualidade do ativo, estamos vendo uma pequena deterioração, principalmente no segmento de grandes empresas. O que poderia dizer é que um reflexo normal, um impacto normal da situação macroeconômica atual. Deixe-me lembrá-los que teremos uma redução de -2% no PIB este ano, desemprego e então, e tudo isso, claro, deve ter um reflexo sobre a qualidade.

Agora, uma outra discussão é, como vocês imaginam que deve ser e qual é a nossa visão. O que podemos ver, e também mencionei na minha apresentação, é que provavelmente 2015, na média, será similar à 2014. Isto significa a possibilidade da formação gráfica semelhante ao desenho de um discreto sorriso, principalmente no lado de grandes empresas. Mas, são todos os indicadores, o comportamento, as mensagens e a relação que vemos vindo de nossos clientes, é que vai determinar o nosso nível de agressividade ou o que podemos esperar daqui para frente em termos de qualidade de crédito.

Eu posso dizer que, neste momento, não enxergamos nenhuma mudança do lado dos principais indicadores, nem na formação dos índices.

Luiz Felipe Taunay:

Temos mais uma pergunta sobre custo: "Qual é a perspectiva do Banco para o crescimento em 2015 e 2016?"

Angel Santodomingo:

Como também mencionei na minha apresentação, a evolução do custo neste trimestre foi impactada por alguma sazonalidade tradicional, comparada com o primeiro trimestre. Em segundo lugar, temos o efeito do perímetro, e um impacto que tivemos com o lançamento do Santander Negócios e Empresas, que já mencionei. A evolução anual do ano continua abaixo da inflação, e continuaremos a manter essa perspectiva.

Mas como vemos o futuro? No futuro, vemos uma conversão em direção à inflação, mas, de qualquer maneira, manteremos o nosso foco na gestão e na linha de custos, o que significa que o Santander Brasil continua focando na parte inferior do resultado, evitando qualquer impacto sobre o lucro líquido. Então, a mensagem é que continuaremos com disciplina na gestão de custos.

Operadora:

Muito obrigada. Com isso, encerramos a sessão de perguntas e respostas. Passo a palavra novamente ao Sr. Angel Santodomingo para suas considerações finais.

Angel Santodomingo:

Muito obrigado a todos por participarem deste *call* de resultados do segundo trimestre do Banco Santander. Tivemos bons resultados, tanto em termos relativos quanto em termos absolutos, e continuaremos nos próximos trimestres também a entregar esses resultados sólidos.

Gostaria de lembrar-lhes que teremos o Investors Day do Banco Santander, que terá lugar nos dias 24 e 25 de setembro, e nesta ocasião eu terei enorme prazer em encontrá-los novamente e falar-lhes sobre os resultados do nosso Banco. Muito obrigado.

Operadora:

O *call* de resultados do Banco Santander se encerra neste momento. Muito obrigada pela sua participação, e tenha um bom dia. Obrigada.



**Transcrição da Teleconferência
Resultados do segundo trimestre de 2015
Santander (SANB11, SANB3, SANB4 e BSBR)
30 de julho de 2015**

empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição"